

MULHERES, PERIFERIA E AGENCIAMENTO ENUNCIATIVO: ANÁLISE DE UMA LETRA DE MÚSICA¹¹⁶

Valquíria Botega de LIMA¹¹⁷

Mónica Graciela Zoppi FONTANA¹¹⁸

Resumo: Neste artigo nosso objetivo é analisar o funcionamento semântico-enunciativo da letra da música *Flow* – música cantada na série televisiva *Antônia* (exibida pela Rede Globo em 2006). Situamo-nos teórica e metodologicamente no interior da Semântica da Enunciação. Essa teoria considera que o Locutor é predicado por um lugar social cujos dizeres são atravessados pela exterioridade. Nossa análise identificou um agenciamento de dizer para o qual é importante ressaltar onde se habita e depois indicar quem enuncia. Observamos que existe uma relação significativa entre o lugar físico onde o sujeito está situado e os seus modos simbólicos de significá-lo.

Palavras-chave: Mulher. Cidade. Agenciamento enunciativo. Sentidos.

Resumen: *Nuestro objetivo en este artículo es analizar el funcionamiento semántico-enunciativo de la música Flow – música cantada en la serie televisiva Antônia (exhibida por el canal de televisión Rede Globo en 2006). La Semántica de la Enunciación fundamenta de forma teórica y metodológica este trabajo. Esa teoría considera que el Locutor es predicado por un lugar social cuyos decires son atravesados por la exterioridad. Nuestra análisis identificó un “agenciamento” de decir para el cual es importante subrayar donde se vive/habita y después indicar quien enuncia. Observamos que existe una relación significativa entre el lugar físico donde el sujeto está situado y sus modos simbólicos de significarlo.*

Palabras-clave: *Mujer. Ciudad. “Agenciamento” enunciativo. Sentidos.*

¹¹⁶ O presente artigo é uma versão reformulada do trabalho final apresentado à disciplina “Semântica da Enunciação” ministrada pelo prof Dr Eduardo Guimarães no Instituto de Estudos da Linguagem- IEL/UNICAMP. Nossa tese de doutorado encontra-se em andamento nesse Instituto e está fundamentada principalmente no campo teórico da Análise de Discurso francesa (AD), no entanto trazemos contribuições da semântica enunciativa para refletir sobre nosso material de pesquisa, qual seja: séries televisivas brasileiras. Nossa tese recebe apoio da FAPESP- Processo nº 2013/14542-0.

¹¹⁷Doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem- IEL/UNICAMP. Campinas, SP-Brasil. E-mail: valbotegalima@gmail.com.br

¹¹⁸ Professora Dr^a do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem- IEL/UNICAMP. Campinas, SP-Brasil. E-mail: monzoppi@uol.com.br

Considerações Iniciais

Nosso artigo está fundamentado na teoria enunciativa tal como é desenvolvida e praticada por Guimarães (2005, 2011). De acordo com Zoppi-Fontana (2012, p. 6), essa abordagem:

[...] se encontra alicerçada em sua concepção de enunciação como *acontecimento* e de sua definição do *espaço de enunciação*. Como consequência destes dois conceitos teóricos, tanto a noção de sujeito (na sua dimensão de falante e de locutor) quanto a noção de temporalidade, pilares da tradição de estudos enunciativos aberta por Benveniste (1966), são afetadas no seu cerne e deslocadas para um quadro teórico que as redefine e relaciona com uma reflexão semântico-enunciativa sobre a textualidade.

A semântica da enunciação entende que os sentidos são produzidos no acontecimento da enunciação, Guimarães explicita que a “significação é produzida enunciativamente” (2006, p. 77). Sendo assim, a enunciação é definida como acontecimento de linguagem por meio do qual são produzidos os sentidos.

Essa teoria também toma como relevante o fato de que o sentido emerge da relação de um enunciado com outro enunciado. Este, por sinal, configura-se como a unidade de análise da semântica. De maneira mais detalhada podemos ler em Guimarães (2005, p. 7) que

[...] o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação do sentido o enunciado. Deste modo, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do enunciado. Mas para mim, considerar o processo no qual uma forma constitui o sentido de um enunciado é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto. Ou seja, não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto.

Temos então que o enunciado se significa porque está funcionando em um texto. Por conseguinte, o texto significa porque *integra* enunciados produzidos na enunciação. Assim sendo, para essa teoria a *relação de integração* é caracterizadora do texto e funciona normalmente de modo transversal (não-segmental). O texto não é composto por segmentos, mas sim “[...] integrado por elementos linguísticos de diferentes níveis e que significam em virtude de integrarem esta unidade. O sentido dos enunciados é esta relação de integração” (GUIMARÃES, 2011, p. 22-23).

Para esse artigo, selecionamos de nosso arquivo¹¹⁹ de pesquisa a série *Antônia* e da sua primeira temporada tomamos como objeto de análise a letra da música *Flow*. Entendemos a letra dessa música enquanto texto integrado por enunciados. Sendo assim, propomos uma análise acerca do funcionamento semântico-enunciativo da letra da música *Flow* a fim de descrever a configuração dos lugares de dizer e dos sentidos produzidos a partir desses lugares.

De modo geral, a série *Antônia*, exibida em duas temporadas pela Rede Globo (anos 2006 e 2008), traz como argumento principal o desejo de quatro mulheres negras de formar e tornar reconhecido um grupo de Rap feminino (o grupo Antônia). Todas são moradoras do bairro Brasilândia, localizado na periferia paulistana. Ao longo dos episódios, as quatro protagonistas (Preta, Lena, Barbarah e Maiah) fazem shows e cantam músicas que mencionam a relação delas com o bairro, bem como o modo pelo qual se definem enquanto mulheres. A seguir, apresentaremos os princípios teóricos que nos guiarão na realização de nossa análise.

Algumas considerações sobre a teoria enunciativa

Guimarães (2005) esclarece que o ato de assumir a palavra se dá em cenas enunciativas, cenas que são tratadas como “[...] especificações localizadas nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

O autor define esse conceito da seguinte forma:

Uma *cena enunciativa* se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas [...] a cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição de lugares de enunciação no acontecimento (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

A partir do caráter constitutivo da relação “língua e falante” da qual se entende que não há falante sem língua, nem língua sem falante, Guimarães elabora o conceito de espaço de enunciação, espaço em que se dá o funcionamento da língua afetada pelo confronto de relações políticas. Falar é, de acordo com o pesquisador, assumir a palavra em um espaço

¹¹⁹ Do material de pesquisa formado por três séries televisivas brasileiras - série *Antônia* (anos 2006 e 2007) e série *Aline* (anos 2009 e 2011) Rede Globo; série *Alice* (anos 2008 e 2010) HBO - construímos nosso arquivo centrado na temática dos modos de subjetivação das mulheres urbanas, a partir das imagens que delas circulam na grande mídia.

dividido por línguas e falantes, nessa medida “[...] a enunciação se dá por agenciamentos específicos da língua [...] neste embate [...] os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos, configurados politicamente” (GUIMARÃES, 2005, p.22).

Conforme esse campo conceitual, na cena enunciativa são constituídos os lugares de enunciação, visto que pelo agenciamento são configurados “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”, respectivamente locutor e alocutário. O responsável pelo dizer, ou seja, “aquele que fala” é definido como Locutor (L), ele representa o tempo do dizer como o atual, o presente e se mostra determinado pelo acontecimento. Entretanto, o Locutor sofre uma divisão, ou seja, ele fica exposto a uma disparidade com a qual se dá a enunciação. Essa disparidade o leva a ser pensado enquanto lugar social. Mais adiante o autor salienta que “[...] é preciso distinguir o Locutor do lugar social do locutor, e é só enquanto ele se dá como lugar social (locutor-x) que ele se dá como Locutor” (GUIMARÃES, 2005, p. 24).

Outro aspecto fundamental em torno dos lugares enunciativos é a caracterização do enunciador como perspectiva/lugar de dizer. No entendimento do autor, os enunciadores “[...] se apresentam sempre como a representação da inexistência dos lugares sociais de locutor” (GUIMARÃES, 2005, p. 26). Isso ocorre em virtude da cena enunciativa colocar em jogo de um lado lugares sociais de locutor (preenchidos pela variável x) e de outro lado perspectivas de dizer (enunciadores que podem ser classificados como individual, genérico, universal ou coletivo). Os dois lugares coexistem no acontecimento da enunciação, porém ocorre uma relação tensionada entre eles, porque o enunciador se forja como lugar de dizer, promovendo uma espécie de esquecimento do lugar social de onde se parte, ou seja, da exterioridade que o constitui.

Considerando o que dissemos mais acima, o enunciado é a unidade de análise da semântica e essa unidade interessa enquanto integrada em um texto. Diferentemente de Benveniste (1995) - que trata as relações de sentido pela relação segmental e para o qual a frase é o último nível (de integração) que a análise linguística atinge, ou seja, pode-se passar do sintagma para a frase, mas não se pode passar de igual maneira da frase para uma unidade superior, no caso o texto, - Guimarães (2005, 2006, 2011) defende que as relações de sentido se dão geralmente como transversais, não-segmentais, em decorrência disso, a relação de integração ocorre pela passagem do enunciado ao texto.

Por sua vez, o texto é definido como uma unidade de significação que é integrada por enunciados, e essa característica mostra que o texto é texto porque significa e porque é produzido no acontecimento da enunciação. Com essa definição, temos que o enunciado só é

entendido enquanto tal, no momento em que se integra ao texto. Ele é caracterizado por Guimarães (2011, p.21) como um elemento linguístico que “[...] tem tanto sentido, integra texto, quanto forma, é constituído por certos elementos (sintagmas)”. Também é caracterizado por conter uma “[...] consistência interna e uma independência relativa em relação às sequências linguísticas que com ele integram texto”.

Uma maneira de responder como os sentidos podem ser interpretados no texto é pautar-se no dispositivo de análise semântica desenvolvido por Guimarães (2005, 2006, 2009, 2011). Ele classifica os procedimentos enunciativos de produção de sentido em dois tipos gerais: a reescrituração e a articulação.

O procedimento de reescrituração consiste em “redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2005, 2006, 2009, 2011), com essa definição o autor mostra que quando se diz de novo, se produz sentido. Por sinal, “Esse procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração)” (GUIMARÃES, 2009, p.53).

De acordo com o autor, há vários modos de se reescrever, eles podem ser por: repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição. Seguindo a mesma direção, os diversos modos de redizer o dito podem produzir sentidos por sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração (GUIMARÃES, 2006, 2009).

O procedimento de articulação consiste em ser “[...] uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2006, 2009). Esse autor considera três modos diferentes de existência da articulação, logo ela pode ser: por dependência, por coordenação e por incidência. No que diz respeito à articulação por dependência temos que “[...] os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento”; na coordenação ocorre “[...] um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade”; já a articulação por incidência refere-se à “[...] relação que se dá entre um elemento de uma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento do tipo do segundo” (GUIMARÃES, 2009, p. 51).

Vale destacar que esses procedimentos enunciativos de articulação e de reescrituração podem produzir, em muitos textos, coexistências de funcionamentos e de sentidos.

Lugares de dizer e produção de sentidos: uma proposta de análise

De acordo com o que dissemos na parte introdutória deste artigo, selecionamos como objeto de análise a letra da música intitulada *Flow*, música cantada pelas protagonistas da série *Antônia* no final do episódio 1 “De volta pra casa” (1ª temporada exibida em 2006). Tendo em vista as várias possibilidades de entrada analítica, especificamente ao analisar essa letra objetivamos descrever seu funcionamento semântico-enunciativo com foco nos lugares de dizer e nos sentidos produzidos a partir deles.

Como ponto de partida dessa análise, vamos caracterizar a cena enunciativa que configura a música *Flow*. Para isso, tomemos a letra da música:

Flow (Composição: <i>Negra Li/Leilah Moreno/Cindy Mendes/Quelinah</i>)	
Vem, vem, chegou a hora. [Refrão] <i>Vem com a gente nesse flow. Viaje nesse som. Da rua, sim! Da Brasilândia! Vem com Antônia. Vem com a gente nesse flow. Viaje nesse som. Da rua, sim! Da Brasilândia! Vem com Antônia. Vem...</i>	[Refrão] <i>Vem com a gente nesse flow. Viaje nesse som. Da rua, sim! Da Brasilândia! Vem com Antônia. Vem com a gente nesse flow. Viaje nesse som. Da rua, sim! Da Brasilândia! Vem com Antônia. Vem...</i>
Liberdade, Igualdade: minha necessidade. Estou de volta, Brasilândia: minha verdade. Ganhar a rua. Minha luta continua. Faço minha correria se der tempo corro pela sua.	Ahan... Vem com Antônia. (Coro) <i>Vem com Antônia.</i> Da rua sim com muito orgulho.
Entre grades e concretos, numa grande confusão. Mas em Sampa, na malandragem, resolva a situação. Várias minas e um sonho, quer desafiar? Demorô, somos 4.	Mulher de verdade. (Coro) <i>Vem com Antônia.</i>

Conforme já foi dito, o Locutor é caracterizado pela disparidade, uma vez que para se representar no lugar de quem enuncia necessita estar predicado por um lugar social (a variável x). Dessa maneira, L enuncia agenciado enquanto locutor-mulher suburbana. Em princípio, isso se dá porque “[...] o lugar social expõe a relação enunciativa com o fora do texto no acontecimento” (GUIMARÃES, 2011, p. 34).

Pelo léxico conseguimos localizar esse “fora do texto”, pois palavras tais como “rua” e “Brasilândia” denotam e delimitam um certo espaço da geografia urbana da cidade de São Paulo. De modo especial, o nome Brasilândia remete a esse fora, significando-se enquanto uma periferia paulistana. Temos, por sua vez, um locutor afetado pela presença nesse espaço urbano. Trata-se de um locutor afetado pelas enunciações, sobretudo, da vida suburbana.

Essa delimitação espacial é trabalhada por Orlandi (2010) em termos da política dos espaços. Para a autora, a cidade funciona por essa política, ou melhor, pela divisão absoluta deles, por isso: “[...] o espaço é demarcado, dividido e ele define as práticas. Elas significam porque se realizam neste e não naquele lugar” (ORLANDI, 2010, p. 31). Logo, há no processo de produção de sentidos uma relação significativa entre o lugar físico onde o sujeito está situado/onde ele habita e os seus modos simbólicos de significá-lo. Sobre a cidade tecem-se interpretações do que é centro, do que é periférico, do que é feio, ou do que é bonito, do que é perigoso/violento, do que é seguro... Tudo isso gera enunciações diversas, com as quais se configuram agenciamentos específicos, bem como predicações sociais específicas.

Reconhecida tanto a divisão da cidade quanto a divisão pela qual a língua se configura, é, pois, do lugar de locutor-mulher suburbana que as protagonistas tomam a palavra, palavra essa já predicada socialmente. Acentuamos a importância de se considerar o espaço de enunciação no qual se configuram os dizeres desse locutor. Entendendo que o agenciamento sempre é político, portanto, permeado por divisões, encontramos ao longo da letra dessa música marcas formais (*vem, a gente, Sampa, minas, demorô*) de uma relação entre língua e falantes funcionando sob um uso informal da língua e sob a sistemática da oralidade.

Esse agenciamento também vem atravessado pela presença de uma língua estrangeira. Desse modo, a palavra de língua inglesa *flow* é a que intitula a letra da música, além do mais está presente insistentemente no refrão, abrindo, com efeito, para a discussão sobre o funcionamento da língua e a materialização do político nos espaços de enunciação. A escolha por essa palavra explicita que há uma relação estabelecida entre falantes e as línguas portuguesa e inglesa. Tendo em conta “a disputa pela palavra” nos espaços de enunciação em virtude de sua divisão desigual (cf. GUIMARÃES, 2005), observamos nessa letra uma disputa travada entre essas duas línguas. Uma palavra do Inglês encabeça o título e se repete ao longo do texto. Poderíamos nos questionar o porquê de não ser expresso com uma palavra do

próprio Português Brasileiro o sentido de “fluidez, movimento direcionado¹²⁰” atribuído a *flow*. Que sentidos essa escolha materializa? Podemos dizer que aí estão implicados sentidos de prestígio, de valor, sentidos de fluência/domínio de uma língua internacionalmente conhecida. Com vistas nisso, fica realmente claro que nossa língua portuguesa mantém uma relação com a língua inglesa. “Em outras palavras, o espaço de enunciação do Português é também ocupado pela língua inglesa” (GUIMARÃES, 2005, p. 19).

E no que se refere à perspectiva de dizer, fica explicitada a identificação desse locutor com a perspectiva coletiva (nesse caso, enunciador-coletivo). Isso se sustenta pela presença da forma linguística “a gente”, forma essa significada em paralelo à modalidade formal (cult) do pronome pessoal “nós”.

As falas das quatro personagens protagonistas - Preta, Lena, Barbarah e Maiah – se convergem na perspectiva coletiva. Essa perspectiva já está pressuposta no próprio sentido de “*grupo* musical”, possibilitando que o *grupo* se signifique por essa convergência e pela coerência das falas, ou seja, o que interessa não é a perspectiva individual que cada uma das personagens poderia assumir enunciativamente, mas sim a perspectiva de um *nós* (a gente) que inclui tanto essas mulheres quanto outras mulheres e outros moradores da Brasilândia. É fala em (comum)unidade.

Por essa razão, estamos considerando que não se trata de um enunciador genérico porque o que ocorre não é a falta de marcação de quem diz (um “*todos*” indefinido). Conforme está posto no refrão, as formas “a gente” e “Antônia” são correlatas de uma perspectiva de dizer coletiva. Enunciar “vem com *a gente* nesse flow” e “vem com *Antônia*” é deixar demarcado um lugar de dizer dentro da relação de sentidos estabelecida com um alocutário.

Atentando para as formas verbais “vem” e “viaje” localizadas, sobretudo, no refrão, gramaticalmente elas estão conjugadas no modo imperativo afirmativo, o qual serve para expressar ordens, conselhos, pedidos ou súplicas. Cumpre assinalar que, com exceção do verbo “viajar”, o verbo “vir” em termos normativos obedece a uma conjugação caracteristicamente coloquial, (“vem” ao invés de “venha”, para a 3ª pessoa do singular). Nessa via de raciocínio interpretativo, dizer essas palavras, ou, mais precisamente, dizer esses “verbos” é produzir um sentido de pedido. Tendo em conta um sentido geral dessas formas,

¹²⁰Definição fornecida pelo dicionário on-line Cambridge localizado no seguinte endereço eletrônico: <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/flow>.

fica posta uma nuance performativa, na medida em que dizer “vem” e “viaje” com “a gente” funciona como fazer um pedido, um chamado.

Porém, mais do que se ater à evidência das formas, do ponto de vista enunciativo, conforme Guimarães (2002), o que se busca considerar é a enunciação se dando a partir de um lugar (l-x), isto é, nesse caso a performatividade se dá de um lugar específico. Dessa maneira, entendemos que dizer “vem” e “viaje” a partir do lugar de locutor-mulher suburbana é realizar o *engajamento performativo* (GUIMARÃES, 2011) de convidar (fazer um convite).

A partir daí, algumas questões podem ser colocadas, pois se torna produtivo questionar a quem é feito o convite, e se ele leva a conhecer o quê. O grupo Antônio? A rua? A Brasilândia? A rua da Brasilândia? Essas questões abrem para uma problemática sócio-histórica dos desvios de olhares sobre a periferia, explicitando que o convite, provavelmente, é feito para um alocutário que conhece, porém se desvia desse espaço, um alocutário afetado e constituído em outros espaços de enunciação, e em cenas enunciativas que significam a periferia por sentidos de negação (por exemplo: não há paz, não há qualidade de vida) e sentidos de desprezo, preconceitos, pobreza, bandidagem, vandalismo etc.

Essas marcas linguísticas (*vem e viaje*) funcionam afetadas pela historicidade, por uma memória de sentidos¹²¹. Podemos dizer que a memória da invisibilidade dos moradores do subúrbio diante dos moradores de outros espaços da metrópole paulistana ressoa nesse gesto de convidar. Temos ao mesmo tempo uma afirmação da memória do invisível (do não visto, do esquecido) e uma recusa da mesma a tal ponto do convite funcionar como uma resistência à invisibilidade.

Observamos especificamente que nesse refrão-convite há necessidade de se deixar claro de onde se fala, de onde se assume um lugar de dizer, lugar este constituído na relação com o espaço urbano, com a *cidade recortada* (ORLANDI, 2012) que autoriza e legitima o convite.

Trabalhando com o procedimento semântico da reescrituração, consideramos o modo de reescrever por repetição, cuja presença se evidencia à primeira vista, pois os dois primeiros enunciados aparecem, na sequência, reescriturados de forma repetida, resultando um refrão de quatro versos.

¹²¹ Fica explícito, na base teórica da Semântica da Enunciação desenvolvida e praticada por Guimarães, o diálogo estabelecido com a Análise de Discurso de linha francesa a qual considera que tanto o sujeito quanto o sentido são determinados por uma memória do dizer (interdiscurso).

Entendemos que, nessa cena enunciativa, a enunciação de várias palavras repetidas pelo locutor mulher-suburbana produz um sentido de insistência e, mais ainda, temos que o agenciamento por repetir insistentemente confere aos dizeres desse locutor um sentido de grito. Reescrevendo parafrasticamente um desses enunciados, entendemos que *é da rua, sim! da Brasilândia, sim! Que se grita: Vem com Antônia.*

Desse modo, enunciativamente não é apenas uma simples repetição que acontece, porque, quando se diz de novo, significações outras são produzidas. Em nosso recorte, o repetir é investido do sentido de grito, é um dizer que metaforiza o ato de gritar, o ato de falar em alta voz. É grito de guerra direcionado àqueles que se posicionam cegamente diante do subúrbio. A presença do advérbio afirmativo “sim”, funciona tanto para afirmar, para reforçar o grito quanto para confirmar o local de onde se diz. Simultaneamente trata-se de afirmar um grito/um brado e um lugar de autoridade.

Mobilizando o procedimento de articulação, notamos que ocorre uma articulação por dependência, pois “rua” depende de “Brasilândia”, lembrando que nesse procedimento os elementos são organizados de modo a formar significativamente um só elemento (GUIMARÃES, 2009). Se em um primeiro momento, na linearidade do enunciado, “rua” aparece sem determinação local, logo em seguida isso é descartado porque ela está determinada pelo bairro paulistano “Brasilândia”. Temos que “rua” se significa em virtude de pertencer ao bairro “Brasilândia”.

No enunciado citado, também é notável observar que “Antônia”, por conseguinte, o grupo musical, adquire sentido ao depender de “rua e Brasilândia”. O locutor é agenciado, no acontecimento em que se configura, a dizer, primeiramente, de que lugar no espaço da cidade se fala, para em seguida dizer quem fala. Essa direção traçada pelo dizer revela que o importante não é expor, de início, quem fala no lugar de todos, mas onde esse todos está inserido.

Temos, então, que é o Locutor, num acontecimento específico, quem atribui, ou seja, quem relaciona rua + Brasilândia e, ainda, Antônia + rua+ Brasilândia, porque não há nada previamente que garanta essa relação, dito de outro modo, não há nada garantindo, anteriormente, que um termo seja inerente ao outro, pois a relação de dependência é produzida nesse acontecimento, com essa temporalidade.

O dito desse locutor- mulher suburbana aponta que Antônia vem de algum lugar e é preciso mostrar qual lugar é esse. Por isso, acontece um agenciamento de dizer que busca tornar natural, primeiro, enunciar de onde se fala para depois indicar quem fala. Em outras

palavras, importa saber, antes, onde você mora, para depois saber quem é você. Trata-se de um dizer legitimado pela presença em um lugar da cidade. Insiste-se na identificação espacial para depois apresentar a identificação nominal. Por isso enuncia-se: *da rua sim, da Brasilândia, vem com Antônia*. Essa direção, essa prioridade pelo espaço físico (a periferia) produz o sentido de afirmação de um lugar da cidade, não se esquecendo de que por várias razões ele é desprestigiado, porém, nesse caso, é posto em relevo. Por sua vez, ser Antônia é ser, acima de tudo, da rua e da Brasilândia. Esse lugar da cidade as constitui, justamente porque: “Para nossa época, a cidade é uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade” (ORLANDI, 2004, p. 11).

A letra da música, tratada enunciativamente como “unidade de significação”, revela o trajeto tensionado de sentidos pelo qual percorre esse locutor mulher-suburbana. Por meio desse agenciamento de dizer, tendo em vista uma escolha lexical apontando para o que essas mulheres reclamam e para as suas demandas (liberdade, igualdade, orgulho de ser da Brasilândia, de ser da rua, de ser de “Sampa”, lutas, conquistas, sonhos, malandragem...) é que são produzidos sentidos de afirmação, de visibilidade, de convite nesse acontecimento de enunciação.

Considerações finais

O objetivo principal desse trabalho foi analisar o funcionamento semântico-enunciativo da letra da música Flow, a fim de descrever a configuração dos lugares de dizer e dos sentidos produzidos a partir desses lugares. Desse movimento analítico centrado na teoria enunciativa, algumas conclusões tomaram destaque.

A primeira delas refere-se ao agenciamento enunciativo. Temos um locutor predicado socialmente como suburbano e afetado pelas enunciações que emergem desse espaço citadino. Esse lugar social produz um dizer que se relaciona implicitamente com enunciações vinculadas a outros espaços da cidade paulistana. No interior de uma tensão constitutiva entre o dizer de si e o potencial dizer do outro (alocutário-x) a repetição de palavras (conforme vimos no refrão) produz um sentido de grito, sendo uma maneira de o locutor dar relevo ao espaço no qual vive/habita/se identifica.

Em segundo lugar, por meio desse agenciamento específico, o locutor se significa na originalidade de apresentar inicialmente o espaço geográfico onde ele fala e em seguida dizer

quem fala. Isso nos leva a pensar, junto com Guimarães (2009), que o sentido não se reduz simplesmente à relação interna dos elementos da estrutura, mas está relacionado, também, a uma exterioridade. Esse exterior é constitutivo do desdobramento do Locutor ao ser predicado por um lugar social. Sendo assim, é enquanto locutor-mulher suburbana que se torna possível enunciar, antes de tudo, de que lugar na cidade se fala para, em seguida, indicar quem está falando.

Por fim, no entanto não menos importante, a entrada analítica pelo viés dos lugares de dizer mostrou-se relevante pelo fato de indicar a dinamicidade que configura e estrutura os dizeres. Embora pareçam dispersos, os sentidos não estão soltos, eles se organizam e são produzidos a partir de lugares numa cena enunciativa. Sendo esse um dos ganhos de se estudar textos a partir da teoria enunciativa.

Referências

ANTÔNIA. Rio de Janeiro: Som Livre, 2007. 2 DVDs, son.,color.,série.

BENVENISTE, E. Os níveis de análise linguística. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995. p. 127-140.

GUIMARÃES, E. As fronteiras entre a Pragmática e a Semântica. In: ZANDWAIS, A. (Org.) **Relações entre Pragmática e Enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002. p. 36-46.

_____. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. Semântica e Pragmática. In: _____. **Introdução às ciências da linguagem**: a palavra e a frase. Campinas, SP: Pontes, 2006. p.113-146.

_____. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, 51(1): 49-68, Jan./Jun. 2009.

_____. **Análise de Texto**: procedimentos, análises, ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

ORLANDI, E.P. Formas de individuação do sujeito e sociedade contemporânea: O caso da delinquência. In: ORLANDI, E.P. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**: A fabricação do consenso. Campinas, SP: Ed. RG, 2010. p.11-42.

_____. A casa e a rua: uma relação política e social. In: _____. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 199-212.

ZOPPI-FONTANA, M. A arte do detalhe. In: **Web Revista Discursividade**. UFMS. Edição nº 09 - Janeiro/2012 - Maio/2012.